

# Prática e conhecimento da equipe de enfermagem na atenção primária sobre o transtorno do espectro autista: estudo qualitativo

---

✉ **Giselle Pereira da Silva**

<https://orcid.org/0000-0001-8742-0697>  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil  
gisellepereira@alu.uern.br

**Sâmara Danielly de Medeiros Alves**

<https://orcid.org/0009-0000-5519-5261>  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil  
samaraalves050@alu.uern.br

**Juce Ally Lopes de Melo**

<https://orcid.org/0000-0002-3984-6201>  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil  
juceally@uern.br

**Rodrigo Jacob Moreira de Freitas**

<https://orcid.org/0000-0002-5528-2995>  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil  
rodrigojacob@uern.br

Recebido: 17/09/2024  
Submetido a pares: 08/11/2024  
Aceito por pares: 18/03/2025  
Aprovado: 20/03/2025

**DOI: 10.5294/aqui.2025.25.2.3**

**Para citar este artigo / Para citar este artículo / To reference this article**

Silva GP, Alves SDM, Melo JAL, Freitas RJM. Practice and Knowledge of the Nursing Team in Primary Care Regarding Autism Spectrum Disorder: A Qualitative Study. *Aqui-  
chan.* 2025;25(2):e2523. DOI: <https://doi.org/10.5294/aqui.2025.25.2.3>

**Temática:** promoção da saúde, bem-estar e qualidade de vida.

**Contribuição para a disciplina:** Esta pesquisa qualitativa relaciona-se à promoção da saúde, do bem-estar e da qualidade de vida. A partir dela, identificam-se lacunas no conhecimento e na prática dos enfermeiros da Atenção Primária à Saúde sobre o transtorno do espectro autista (TEA), destacando a importância da educação permanente para o aprimoramento do cuidado integral. Ancorado no modelo de cuidado holístico, o estudo evidencia como a capacitação contínua pode fortalecer a atuação dos enfermeiros, promovendo a saúde, o bem-estar e a qualidade de vida dos indivíduos com TEA. Essa abordagem reforça o papel do enfermeiro como agente de transformação na promoção de um atendimento mais inclusivo e sensível às necessidades específicas dos pacientes.

## Resumo

**Introdução:** A crescente prevalência do transtorno do espectro autista (TEA) e a complexidade dos cuidados necessários tornam o conhecimento dos enfermeiros da Atenção Primária à Saúde (APS) crucial para a qualidade da assistência prestada. **Objetivo:** compreender a prática e o conhecimento dos enfermeiros da APS de Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, sobre o TEA. **Materiais e métodos:** estudo descritivo-exploratório, qualitativo, com nove enfermeiros selecionados por critérios de inclusão (concursados ou com contrato público e mais de um ano de experiência) e exclusão (em licença ou férias). A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, e a análise foi realizada com base na técnica de análise de conteúdo temática. **Resultados:** quatro categorias temáticas emergiram: 1) Percepção profissional: o repertório de conhecimento dos enfermeiros da APS sobre o TEA; 2) Atuação dos enfermeiros na assistência à pessoa com TEA; 3) Potencialidades e desafios do cuidado holístico na APS ao TEA; 4) Educação permanente como estratégia de fortalecimento do cuidado. **Conclusão:** O estudo revelou lacunas significativas no conhecimento e na prática dos enfermeiros da APS sobre o TEA, destacando a necessidade de formação contínua e específica. A falta de capacitação limita a assistência adequada, particularmente na detecção precoce e no manejo de casos complexos. O estudo sugere futuras pesquisas que aprofundem essas questões, ampliando perspectivas que garantam melhorias nas práticas clínicas e na promoção da saúde, do bem-estar e da qualidade de vida.

### Palavras-chave (Fonte DeCS)

Transtorno do espectro autista; enfermagem; Atenção Primária à Saúde; pesquisa qualitativa.

## 4 Práctica y conocimientos del personal de enfermería de atención primaria sobre el trastorno del espectro autista: un estudio cualitativo

---

### Resumen

**Introducción:** la creciente prevalencia del trastorno del espectro autista (TEA) y la complejidad de los cuidados requeridos hacen que el conocimiento de las enfermeras de Atención Primaria de Salud (APS) sea crucial para la calidad de la atención prestada. **Objetivo:** comprender la práctica y el conocimiento de los enfermeros de APS de Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, sobre el TEA. **Materiales y métodos:** estudio descriptivo-exploratorio, cualitativo, con nueve enfermeros seleccionados según criterios de inclusión (servidores públicos o con contrato público y más de un año de experiencia) y exclusión (en licencia o vacaciones). Los datos se recogieron mediante entrevistas semiestructuradas y se analizaron mediante la técnica de análisis de contenido temático. **Resultados:** surgieron cuatro categorías temáticas: 1) Percepción profesional: repertorio de conocimientos de los enfermeros de APS sobre el TEA; 2) Papel de los enfermeros en la atención a las personas con TEA; 3) Potencialidades y desafíos de la atención holística en APS para el TEA; 4) Formación continuada como estrategia para el fortalecimiento de la atención. **Conclusión:** el estudio reveló vacíos significativos en el conocimiento y la práctica de los enfermeros de APS sobre el TEA, destacando la necesidad de formación continua y específica. La falta de capacitación limita la atención adecuada, particularmente en la detección temprana y el manejo de casos complejos. El estudio sugiere futuras investigaciones que profundicen en estas cuestiones, ampliando perspectivas que garanticen mejoras en las prácticas clínicas y en la promoción de la salud, el bienestar y la calidad de vida.

#### Palabras clave (Fuente: DeCS)

Trastorno del espectro autista; enfermería; Atención Primaria de Salud; investigación cualitativa.

# Practice and Knowledge of the Nursing Team in Primary Care Regarding Autism Spectrum Disorder: A Qualitative Study

---

## Abstract

**Introduction:** The growing prevalence of autism spectrum disorder (ASD) and the complexity of the care required make the knowledge of Primary Health Care (PHC) nurses crucial to the quality of care provided. **Objective:** To understand the practice and knowledge of PHC nurses regarding ASD in Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brazil. **Materials and Methods:** This was a descriptive-exploratory, qualitative study with nine nurses selected according to inclusion criteria (those with a civil service or public contract and more than one year of experience) and exclusion criteria (those on leave or vacation). Data was collected through semi-structured interviews and analyzed using the thematic content analysis technique. **Results:** Four thematic categories emerged: 1) Professional perception: PHC nurses' knowledge repertoire regarding ASD; 2) Nurses' role in providing care to people with ASD; 3) Potentialities and challenges of holistic care in PHC for ASD; 4) Continuing education as a strategy for strengthening care. **Conclusion:** The study revealed significant gaps in the knowledge and practice of PHC nurses regarding ASD, highlighting the need for continuous and specific training. The lack of training limits adequate care, particularly in the early detection and management of complex cases. The study suggests that future research should delve deeper into these issues, broadening perspectives that ensure improvements in clinical practices and the promotion of health, well-being, and quality of life.

### Keywords (Source: DeCS)

Autism spectrum disorder; nursing; primary health care; qualitative research.

## Introdução

O transtorno do espectro autista (TEA) é uma condição de neurodesenvolvimento caracterizada por déficits na comunicação, dificuldades na interação social e comportamentos restritivos e repetitivos, que afetam diversas áreas da vida dos indivíduos, desde o contexto pessoal até o profissional (1).

Sua complexidade, variação nas manifestações clínicas e ausência de causalidade concreta fazem do TEA um dos maiores desafios na atenção à saúde. Embora exista consenso de que o TEA possui forte base genética, muitos dos genes associados ao transtorno ainda não são completamente compreendidos. Fatores ambientais, como complicações durante a gravidez, exposição a poluentes e idade avançada dos pais, também são considerados contribuintes importantes (2, 3).

Além disso, estudos indicam que a prevalência do autismo tem crescido mundialmente. O Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos relatou em 2023 que a prevalência de 27,6 por 1000 crianças de até oito anos, comparado a 14,5 por 1000 em 2012 (4). No Brasil, as estimativas baseadas nesses dados sugerem que cerca de 6 milhões de brasileiros vivem com TEA; contudo, faltam estudos epidemiológicos nacionais concretos (1).

Pesquisas recentes vinculam a alta prevalência à detecção precoce, que, associada ao manejo adequado do TEA, possui potencial para promover avanços no desenvolvimento social e cognitivo. Logo, enfatizam que a implementação de vigilância universal de desenvolvimento é apontada como uma estratégia crucial para melhorar os resultados em longo prazo (5, 6).

Dessa forma, no contexto da enfermagem, a abordagem ao paciente com TEA implica, para a prática, um cuidado humanizado e integral, que requer uma abordagem holística e multidimensional do indivíduo. Dessa forma, as boas práticas de cuidado juntamente com a busca por conhecimentos científicos constituem uma via primordial para apoiar essas pessoas (7).

Entretanto, estudos internacionais indicam que muitos profissionais de enfermagem não possuem preparo adequado para lidar com indivíduos autistas, frequentemente baseando-se em estereótipos ou informações desatualizadas, que se refletem em atendimentos menos eficazes e na dificuldade de implementação de estratégias de cuidado (8, 9).

Logo, estabelece-se a questão central deste estudo: De que maneira ocorre a prática e quais os conhecimentos dos enfermeiros da Atenção Primária a Saúde (APS) sobre o TEA? Para responder a essa questão, busca-se compreender a prática e o conhecimento desses profissionais, identificando suas percepções, facilidades e dificulda-

des no manejo de pacientes com TEA e analisando como esses fatores influenciam suas práticas clínicas.

## Materiais e métodos

Trata-se de uma pesquisa descritivo-exploratória de caráter qualitativo, método que se baseia em um universo de conceitos, motivos, crenças, valores e atitudes que justificam os produtos das interpretações humanas. Dessa forma, constitui-se como um instrumento que possibilita a melhor compreensão dos fenômenos comportamentais conforme os sentidos que os indivíduos lhe concedem (10, 11). Este estudo foi escrito seguindo as recomendações do Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research (COREQ), a fim de garantir maior rigor, confiabilidade e transparência na apresentação do estudo (12, 13).

O cenário da realização desta pesquisa foi composto por 12 unidades de saúde da APS da cidade de Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil, entre maio e junho de 2023. A população-alvo consistiu em 18 enfermeiros que trabalhavam no referido município e setor, selecionados por meio dos seguintes critérios de inclusão: ser enfermeiro concursado ou por seleção pública na APS, com pelo menos um ano de experiência. Com isso, pretendemos garantir a familiaridade com as práticas locais e a aproximação com o tema do estudo por parte dos profissionais. Como critérios de exclusão, não foram considerados os profissionais em férias ou licença.

Como técnica de abordagem, os participantes foram contatados por telefone. No entanto, diante da baixa taxa de resposta, adotou-se a busca ativa diretamente nas unidades da APS. Durante essas visitas, foi feita uma apresentação dos objetivos da pesquisa e, após o aceite, a coleta de dados foi iniciada, com data, local e horário definidos pelos próprios participantes. Assim, apenas nove enfermeiros concordaram em participar da pesquisa, havendo uma desistência de nove sujeitos.

A coleta de dados teve início com a apresentação do termo de consentimento livre e esclarecido, assinado voluntariamente pelos participantes. Posteriormente, realizaram-se entrevistas semiestruturadas. O roteiro dessas entrevistas foi elaborado com base em experiências prévias dos pesquisadores e na literatura especializada, sendo composto por quatro seções: identificação (sexo, raça/cor, naturalidade); formação acadêmica; dados profissiográficos; e 10 questões abertas voltadas à exploração das práticas e dos conhecimentos dos enfermeiros sobre o TEA.

As seções foram organizadas em três eixos: experiências de convívio com pessoas com TEA; estoque de conhecimento disponível sobre o transtorno; relação face a face e ações na assistência. O primeiro eixo de perguntas investigou a proximidade dos partici-

pantes com indivíduos autistas; o segundo explorou o conhecimento prévio sobre o TEA, incluindo sua concepção, reconhecimento da sintomatologia e origem das informações; e o terceiro abordou a prática profissional na assistência, bem como os desafios e sugestões para aprimorar o cuidado.

Realizou-se um total de nove entrevistas, nas próprias unidades de saúde, em sala reservada escolhida pelo participante, de modo que não houvesse outros sujeitos com exceção do participante e da pesquisadora principal, aluna de graduação em enfermagem, a qual possuía treinamento e experiências anteriores nesse tipo de coleta de dados, advindas das atividades do grupo de pesquisa.

Com duração média de 10 minutos, as entrevistas foram audiogravadas individualmente e, posteriormente, transcritas na íntegra para a análise dos dados. Após isso, os dados foram armazenados. Essa duração das entrevistas se deu devido aos profissionais não apresentarem tanto conhecimento sobre o tema, o que dificultou as respostas e o seguimento da entrevista.

Dos 18 sujeitos aptos a participar da pesquisa, nove não participaram por motivos já explicitados, apesar de terem sido contactados por telefone e pessoalmente para esclarecimentos. Assim, a pesquisa foi conduzida com os demais, completando a totalidade de sujeitos disponíveis e permitindo o encerramento da coleta de dados. Além disso, percebeu-se que, ao longo das entrevistas, os temas abordados se repetiam, refletindo a limitação de práticas e conhecimentos sobre o tema. Esse padrão indicou um ponto de saturação teórica, no qual não surgiram novas informações relevantes para as categorias de análise. Durante a transcrição, essa redundância foi confirmada pela ausência de novos achados que pudessem contribuir para os objetivos da pesquisa.

A análise dos dados foi conduzida com base na técnica de análise de conteúdo temática (11), desenvolvida em quatro fases. Na pré-análise, foi realizada uma leitura preliminar para obter uma visão geral dos dados e identificar os sete temas iniciais. Em seguida, na fase de exploração do conteúdo, foram realizados múltiplos ciclos de leitura aprofundada para compreender e identificar as unidades de significado e começar a organização das categorias temáticas. A fase de tratamento dos resultados, inferência e interpretação envolveu a análise e categorização das falas dos participantes, com o propósito de identificar padrões recorrentes e estruturar as informações em categorias analíticas que refletissem as principais concepções emergentes no corpus da pesquisa. Nesse processo, foram examinadas 54 locuções, das quais foram extraídas as temáticas centrais que originaram quatro categorias finais. Por fim, na etapa de discussão dos dados, os achados foram contrastados e articulados com a literatura científica vigente, proporcionando uma compreensão mais abrangente e contextualizada das descobertas e de sua relevância para o campo de estudo.

O estudo atendeu às propostas das Resoluções 466 e 510 do Conselho Nacional de Saúde. Para assegurar o anonimato, foram atribuídos códigos a cada participante, utilizando o termo “Enfermeiro”, seguido por uma letra do alfabeto (A, B, C e assim sucessivamente), como, por exemplo, “Enfermeiro A”. Os procedimentos para a condução da pesquisa foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte em 28 de março de 2023.

## Resultados

O estudo contou com a participação de nove enfermeiros, que representaram 50 % dos profissionais atuantes no município. A amostra incluiu enfermeiros com faixa etária entre 25 e 48 anos, sendo 77,8 % mulheres.

Em relação à formação acadêmica, todos se graduaram após o ano 2000, sendo que 55,5 % concluíram na década de 2010. A maioria (77,8 %) formou-se em universidades do Rio Grande do Norte, e 88,9 % possuem especialização em áreas diversas da enfermagem. Quanto aos vínculos empregatícios, 55,5 % dos enfermeiros possuem contratos efetivos, enquanto 44,4 % têm contratos temporários.

Os dados analisados possibilitaram a delimitação de quatro categorias temáticas: 1) Percepção profissional: o repertório de conhecimento dos enfermeiros da APS sobre o TEA; 2) Atuação do profissional de enfermagem na assistência da APS à pessoa com TEA; 3) Potencialidades e desafios do cuidado holístico na prática assistencial ao TEA; e 4) Educação permanente como estratégia de fortalecimento do cuidado.

### **Categoria 1: Percepção profissional — O repertório de conhecimento dos enfermeiros da APS sobre o TEA**

Os resultados da análise revelaram lacunas significativas no conhecimento dos enfermeiros da APS sobre o TEA, evidenciando concepções imprecisas e baseadas em estigmas. A maioria dos enfermeiros apresentou dificuldades em definir claramente o TEA, limitando-se a descrições simplistas que associam a condição a déficits neurológicos ou comportamentais. As falas a seguir ilustram essas percepções limitadas:

“Vejo como um transtorno mental e psicológico, questão de atenção e hoje está muito evidente.” (Enfermeiro A)

“Eu acredito que seja um déficit neurológico ligado à questão psicomotora.” (Enfermeiro D)

Além disso, a maioria dos enfermeiros nunca teve o tema “autismo” abordado durante a formação acadêmica, com apenas 11 %

relatando alguma instrução específica sobre o TEA. Essa formação deficitária se reflete na insegurança dos profissionais ao lidar com a sintomatologia, gerando incertezas na identificação de sinais precoces e na diferenciação do TEA em relação a outros transtornos, como o TDAH:

“Confesso que ainda não possuo um olhar clínico para levantar uma hipótese, preciso me aprofundar.” (Enfermeiro A)

“Não, não me sinto preparado. Escuto falar muita coisa, mas procurar a fundo, não. Alguns sinais são inespecíficos e durante a triagem é difícil definir se é TEA ou outro transtorno.” (Enfermeiro G)

Essa falta de clareza pode levar a diagnósticos imprecisos e contribuir para a perpetuação de estigmas, como evidenciado nas observações de comportamentos que são erroneamente interpretados como indicativos do TEA, reforçando preconceitos e práticas inadequadas no cuidado:

“Ele anda na ponta do pé, mas ele fala, presta atenção [...] não se concentra, não senta, não fica no colo.” (Enfermeiro A)

“Pouca interação, movimentos repetitivos e estereotipados, seletividade alimentar.” (Enfermeiro H)

## **Categoria 2: A atuação do profissional de enfermagem na assistência da APS à pessoa com o TEA**

Os enfermeiros reconhecem seu papel central na detecção precoce dos sinais do TEA, especialmente durante as consultas de crescimento e desenvolvimento (CeD). As práticas relatadas demonstram que, embora exista uma conscientização sobre a importância do monitoramento precoce, as intervenções ainda são fragmentadas e muitas vezes limitadas por falta de treinamento específico. Exemplos incluem:

“Um CeD bem-feito, acompanhado desde o nascimento até os 2 anos de idade, é muito eficaz pois, se o enfermeiro tiver o devido olhar para os marcos de desenvolvimento, ele pode supor o diagnóstico previamente e já fazer essa abordagem com os pais.” (Enfermeiro F)

“Na consulta, observei que a criança não tinha interação, o contato visual também não tinha e não respondia a comandos.” (Enfermeiro H)

Apesar da identificação das necessidades de uma abordagem multidisciplinar, ainda há uma visão reduzida do escopo do cuidado, com muitos profissionais concentrando esforços apenas na identificação inicial, sem avançar para uma coordenação efetiva e continuada do cuidado:

“No atendimento seria a investigação completa e, a partir do diagnóstico, precisamos ter condutas diferenciadas, não que feche o diagnóstico, mas que induza a suspeita para que tenha o encaminhamento e o apoio da equipe multiprofissional.” (Enfermeiro H)

“O cuidado deve ser maior e ainda mais compreensivo para que o profissional entenda como aquela pessoa reconhece o mundo.” (Enfermeiro E)

Há uma percepção de que a assistência deve ser diferenciada e humanizada, mas essa abordagem ainda enfrenta barreiras, como a falta de treinamento contínuo e a ausência de um modelo de cuidado estruturado que integre todos os níveis de assistência.

### **Categoria 3: Potencialidades e desafios do cuidado holístico na prática assistencial ao TEA**

A complexidade do cuidado holístico para pessoas com o TEA é acentuada pelas dificuldades da aceitação familiar e pela resistência ao tratamento, frequentemente observada nos contextos de atendimento da APS. As falas dos enfermeiros destacam os desafios de trabalhar com famílias que têm dificuldade em aceitar o diagnóstico e que, muitas vezes, encaram o TEA com preconceito, complicando a adesão ao tratamento e o manejo clínico:

“A maior dificuldade é a adesão dos pais ao tratamento, justamente por conceitos de ‘doença’, ‘comorbidade’, ‘criança problemática’, e existe essa resistência em aderir à terapia.” (Enfermeiro F)

“No primeiro momento, acredito que a maior dificuldade seja o acompanhamento, pois alguns pais já chegam relatando, mas não aceitam bem as condições da criança.” (Enfermeiro D)

Os enfermeiros também relatam desafios ao implementar uma abordagem humanizada que vá além do cuidado técnico, exigindo habilidades emocionais e interpessoais que não são amplamente desenvolvidas durante a formação básica em enfermagem:

“É uma tarefa que exige habilidades e competências específicas para a abordagem em decorrência da complexidade e dos aspectos individuais de cada família que convive com esse distúrbio, o que implica na segurança dos profissionais em executá-la.” (Enfermeiro C)

### **Categoria 4: Educação permanente como estratégia de fortalecimento do cuidado**

A educação permanente emergiu como uma estratégia crucial para o fortalecimento do cuidado oferecido aos pacientes com o TEA na APS. Os enfermeiros apontaram a falta de capacitação específica como uma barreira significativa para a prática efetiva e sugeriram a necessidade de formação contínua e de incentivo por parte das políticas públicas para integrar o TEA de forma mais consistente na APS:

“Precisa-se ter uma capacitação para os profissionais que já atuam na atenção, pois é um transtorno que está se tornando comum.” (Enfermeiro A)

“Talvez a propagação de material sobre o transtorno para leitura e os municípios proporcionarem educação continuada permanente para os profissionais.” (Enfermeiro B)

“Capacitação para todos os profissionais da ESF [Estratégia Saúde da Família], para que o olhar clínico dos traços seja mais abrangente.” (Enfermeiro I)

Os profissionais demonstraram uma compreensão de que a educação continuada deve envolver toda a equipe multiprofissional, promovendo uma abordagem colaborativa e integrativa que seja capaz de responder de maneira adequada e inclusiva às necessidades das pessoas com o TEA.

## Discussão

Os resultados deste estudo demonstram lacunas significativas no conhecimento, principalmente nos aspectos de definição, sintomatologia, diagnóstico e abordagem, assim como na prática dos enfermeiros da APS em relação ao TEA, o que repercute diretamente na qualidade do cuidado prestado. O papel do enfermeiro, nesse contexto, caracterizado pela abordagem integral e centrada no cuidado humanizado, é fundamental para a promoção da saúde e para o acompanhamento contínuo de pessoas com autismo (14).

Conforme evidenciado, a ausência de conhecimento aprofundado sobre o TEA, associada à superficialidade das concepções dos enfermeiros sobre o transtorno, limita sua capacidade de intervenção precoce e adequada. Anos mais tarde, outros estudos brasileiros já indicaram que, embora os profissionais de enfermagem reconheçam os aspectos comportamentais do TEA, o conhecimento sobre este é incompleto e fragmentado (15, 16). Essa insuficiência formativa compromete a efetividade da APS, que tem por dever desempenhar um papel essencial na detecção precoce e no manejo inicial de pessoas autistas (17).

Outro ponto central identificado foi a escassa inclusão do transtorno nas grades curriculares dos cursos de enfermagem, o que impede que os profissionais se sintam preparados para atender à crescente demanda de pacientes com essa condição. A literatura destaca que muitos profissionais de enfermagem carecem de treinamento formal sobre o autismo, o que é crucial para melhorar o atendimento e as experiências desses pacientes no sistema de saúde (18, 19).

Nesse contexto, enfatiza-se que a inadequação da formação acadêmica, associada à carência de experiências clínicas direcionadas, compromete de maneira significativa a capacidade dos enfermeiros de atuar com segurança e autonomia no manejo, resultando na falta de desenvolvimento de competências essenciais para a prática profissional, afetando tanto a confiança no julgamento clínico quanto a eficácia na implementação de intervenções apropriadas (20).

Portanto, torna-se imperativo que a formação em enfermagem incorpore abordagens teóricas e práticas voltadas ao autismo, uma vez que a limitada exposição a situações clínicas reais durante a for-

mação dos enfermeiros reduz significativamente sua confiança e competência no momento de tomar decisões críticas e implementar intervenções adequadas no manejo do TEA (21).

Uma vez que a competência clínica está intrinsecamente ligada à exposição a situações práticas durante a formação, a falta de consistência na maneira como as competências são avaliadas globalmente contribui para uma lacuna significativa entre a formação acadêmica e as demandas da prática clínica, especialmente no cuidado a populações específicas (22).

A prática da enfermagem, enquanto ciência, exige um embasamento teórico robusto e atualizado, sendo essencial para que as intervenções realizadas pelos enfermeiros sejam eficazes e baseadas em evidências científicas. No contexto do TEA, essa necessidade se intensifica devido à ampla variabilidade de manifestações clínicas e ao impacto que essas diferenças podem ter no desenvolvimento e na qualidade de vida dos pacientes (21, 23).

Logo, abordagens reflexivas na prática de enfermagem, especialmente no cuidado em saúde mental, permitem que os profissionais apliquem teorias de forma prática e contextualizada, melhorando a qualidade do cuidado prestado e os resultados para os pacientes (25).

O diagnóstico precoce e a intervenção oportunista são determinantes para otimizar o desenvolvimento social e cognitivo de crianças com TEA, resultando em melhores desfechos na vida adulta. Contudo, os resultados desta pesquisa indicam que os enfermeiros, embora cientes da importância da consulta de CeD, não compreendem completamente sua responsabilidade no processo de identificação precoce do TEA (24).

Ademais, os depoimentos analisados evidenciam que, ainda que as questões tratassem do TEA de forma abrangente, os relatos dos participantes concentraram-se majoritariamente na infância. Esse recorte sugere uma limitação na percepção dos profissionais, que tendem a restringir suas experiências e conhecimentos sobre o transtorno apenas a essa fase do desenvolvimento, ignorando as necessidades de adolescentes e adultos autistas.

Tal redução do olhar pode comprometer a continuidade do cuidado, contrariando o que preconiza o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5* (26), que enfatiza não apenas a importância do diagnóstico precoce, mas também a necessidade de acompanhamento contínuo ao longo de todo o ciclo de vida, uma vez que as demandas dos indivíduos com o TEA se modificam significativamente, sobretudo nas transições para a adolescência e para a vida adulta.

Estudos recentes ressaltam a importância de uma abordagem integral no cuidado de indivíduos com o TEA, especialmente

para prevenir a exacerbação de condições como ansiedade e depressão. Uma pesquisa publicada no *Psychological Medicine* revelou que adultos com essa condição, quando não recebem suporte adequado para comorbidades, como transtornos de ansiedade e depressão, tendem a apresentar piora significativa na qualidade de vida (27).

Nessa perspectiva, a educação permanente, destacada pelos participantes como uma necessidade premente, surge como uma estratégia fundamental para capacitar os enfermeiros a lidar com a complexidade do TEA na APS. Programas de educação continuada, que incluam capacitações específicas sobre o TEA, são essenciais para que haja o desenvolvimento de competências interpessoais que melhoram a comunicação com pacientes autistas e seus familiares, reconhecendo que a compreensão das nuances comportamentais e emocionais pode contribuir para uma assistência mais efetiva (28, 29).

Entretanto, deve-se considerar que a necessidade de capacitação e educação continuada pode diferir entre os profissionais recém-formados e aqueles com mais experiência. Logo, esses programas devem ser estruturados considerando cada perfil de aprendizagem, garantindo o alcance e relevância dos treinamentos para cada realidade.

Os resultados também evidenciaram a resistência das famílias ao diagnóstico e ao tratamento, identificada pelos enfermeiros como um obstáculo importante para a prática. A literatura sugere que a comunicação adequada entre os profissionais de saúde e as famílias pode melhorar a adesão ao tratamento e reduzir a sobrecarga emocional dos cuidadores (30).

Nesse sentido, fundamenta-se que uma comunicação empática pode melhorar a satisfação dos pacientes e de seus familiares, aumentar a adesão ao tratamento e reduzir a ansiedade. Enfermeiros que conseguem desempenhar uma escuta ativa e empática contribuem para a satisfação do paciente e de sua família, resultando em maior confiança na equipe de saúde e melhor adesão ao plano de cuidados, o que é particularmente relevante em contextos complexos, como o tratamento de condições crônicas ou de longo prazo (31).

Assim, este estudo se destaca ao abordar a prática e o conhecimento dos enfermeiros na APS, explorando não apenas a identificação de sinais precoces, mas também os desafios do cuidado holístico, a percepção profissional sobre o transtorno e as barreiras para a educação permanente. Logo, complementa a literatura existente (32, 33) ao evidenciar como as lacunas formativas impactam a assistência e quais são as demandas específicas dos enfermeiros na APS, contribuindo para o aprimoramento de estratégias educacionais e políticas de formação profissional voltadas ao TEA.

Portanto, futuras pesquisas podem expandir essa discussão, comparando diferentes contextos regionais e investigando a efetivi-

dade de programas de capacitação segmentados conforme o tempo de experiência dos profissionais.

Este estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas. A baixa quantidade de participantes, restrita a uma única região do Brasil, pode limitar a generalização dos achados para outras realidades da APS. Além disso, fatores socioeconômicos e estruturais podem influenciar o conhecimento e a prática dos enfermeiros em diferentes contextos, o que sugere a necessidade de pesquisas com amostras maiores e distribuídas em diversas regiões do país. Apesar disso, pesquisas qualitativas são importantes pela possibilidade de transferir o conhecimento apresentado de um contexto local para contextos semelhantes e até mesmo para reflexões globais.

Futuras investigações também poderiam expandir a análise para outros países da América Latina, o que permitiria comparações entre sistemas de saúde e fortaleceria o entendimento sobre as demandas na formação e capacitação de profissionais para o atendimento a pessoas com o TEA.

## Conclusões

Como uma investigação qualitativa e exploratória, o estudo fornece descobertas iniciais sobre as lacunas de conhecimento e prática entre enfermeiros da APS sobre o TEA, sublinhando a importância de uma formação contínua para uma prática mais inclusiva e informada. Observou-se que a ausência de educação permanente e de treinamentos específicos limita o desempenho desses profissionais no atendimento a pessoas com o TEA, dificultando a identificação precoce e o manejo adequado das demandas dessa população.

Desse modo, os achados deste estudo destacam a necessidade de investigações adicionais que abordem a formação contínua e a prática de profissionais de enfermagem no atendimento a pessoas com o TEA. Estudos futuros poderão oferecer uma base mais robusta para a implementação de práticas clínicas aprimoradas, contribuindo diretamente para a promoção da saúde, do bem-estar e da qualidade de vida, bem como para o fortalecimento da APS e da enfermagem como agentes transformadores na construção de um sistema de saúde mais inclusivo e sensível às necessidades específicas dessa população.

Ademais, a fim de aprofundar o entendimento das necessidades formativas e das estratégias de cuidado para pessoas com o TEA na APS, sugere-se a realização de estudos adicionais que explorem outras perspectivas e contextos que possam fornecer subsídios importantes para embasar práticas de cuidado mais amplas e direcionadas.

**Conflitos de interesse:** nenhum declarado.

1. Castro T. Simplificando o autismo. São Paulo: Literate Books International; 2023.
2. Saleem S, Habib S. Implications of Genetic Factors and Modifiers in Autism Spectrum Disorders: A Systematic Review. *Rev J Autism Dev Disord.* 2022;11:172-83. DOI: <https://doi.org/10.1007/s40489-022-00333-7>
3. Bolte S, Girdler S, Marshik PB. The contribution of environmental exposure to the etiology of autism spectrum disorder. *Cell Mol Life Sci.* 2019;76(7):1275-97. DOI: <https://doi.org/10.1007/s00018-018-2988-4>
4. Maenner MJ, Warren Z, Williams AR, Amoakohene E, Bakian AV, Bilden DA et al. Prevalence and characteristics of autism spectrum disorder among children aged 8 years — Autism and developmental disabilities monitoring network. *MMWR Surveill Summ.* 2023;72(2):1-14. DOI: <https://doi.org/10.15585/mmwr.ss7202a1>
5. Mozolic-Staunton B, Donnelly M, Yoxall J, Barbaro J. Early detection for better outcomes: Universal developmental surveillance for autism across health and early childhood education settings. *Res Autism Spectr Disord.* 2020;71:101496. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.rasd.2019.101496>
6. Bernier, RA. O que a ciência nos diz sobre transtorno do espectro autista. Porto Alegre: Artmed; 2021.
7. Ambushe SA, Awoke N, Demissie BW, Tekalign T. Holistic nursing care practice and associated factors among nurses in public hospitals of Wolaita zone, South Ethiopia. *BMC Nurs.* 2023;22(1):1-8. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12912-023-01517-0>
8. Shawahna R. Self-rated familiarity with autism spectrum disorders among practicing nurses: A cross-sectional study in the Palestinian nursing practice. *BMC Nurs.* 2021;20(1):1-11. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12912-021-00764-3>
9. Corden K, Brewer R, Cage E. A Systematic Review of Healthcare Professionals' Knowledge, Self-Efficacy and Attitudes Towards Working with Autistic People. *Rev J Autism Dev Disord.* 2022;9(3):386-99. DOI: <https://doi.org/10.1007/s40489-021-00263-w>
10. Minayo MC. Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. 34 ed. Petrópolis: Vozes; 2018.
11. Creswell JW, Creswell JD. Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto. 5 ed. Porto Alegre: Penso; 2021.
12. Tong A, Sainsbury P, Craig J. Consolidated criteria for reporting qualitative research (COREQ): A 32-item checklist for interviews and focus groups. *Int J Qual Health Care.* 2007;19(6):349-57. DOI: <https://doi.org/10.1093/intqhc/mzm042>
13. EQUATOR Network. Enhancing the QUALity and Transparency of health Research (EQUATOR Network) [Internet]; 2019. Disponível em: <http://www.equator-network.org/>
14. Lukewich J, Martin-Misener R, Norful AA, Poitras ME, Bryant-Lukosius D, Asghari S et al. Effectiveness of registered nurses on patient outcomes in primary care: A systematic review. *BMC Health Serv Res.* 2022;22(1):1-34. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12913-022-07866-x>
15. Nunes SC, Souza T, Giunco C. Autismo: Conhecimento da equipe de Enfermagem. *Rev CuidArte Enferm.* 2009;3(2):134-41. Disponível em: <http://www.fundacaopadrealbino.org.br/facfpna/ner/pdf/edo5enfpsite.pdf>
16. Sena R, Medeiros R, Silva G, Silva MV. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. *Rev Pesq Cuidado Fundam Online.* 2015;7(3):2707-16. DOI: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.2015.v7i3.2707-2716>
17. Sobieski M, Sobieska A, Sekulowicz M, Bujnowska-Fedak MM. Tools for early screening of autism spectrum disorders in primary health care: A scoping review. *BMC Prim Care.* 2022;23(1):1-26. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12875-022-01645-7>
18. Walsh C, O'Connor P, Walsh E, Lydon S. A Systematic Review of Interventions to Improve Healthcare Experiences and Access in Autism. *Rev. J. Autism Dev. Disord.* 2021;10:185-202. DOI: <https://doi.org/10.1007/s40489-021-00279-2>
19. Clarke L, Fung LK. The impact of autism-related training programs on physician knowledge, self-efficacy, and practice behavior: A systematic review. *Autism.* 2022;26(7):1626-40. DOI: <https://doi.org/10.1177/13623613221102016>
20. Calmita HJ, Boag BR. The impact of clinical skills training on hospital nursing care towards acquisition of improved care quality: A systematised review. *Eur Heart J.* 2021;42(1). DOI: <https://doi.org/10.1093/eurheartj/ehab724.3148>
21. Kavanagh J, Sharpnack P. Crisis in Competency: A Defining Moment in Nursing Education. *OJIN.* 2021;26(1). DOI: <https://doi.org/10.3912/OJIN.Vol26Noo1Mano2>
22. Alkhelaiwi WA, Traynor M, Rogers K, Wilson I. Assessing the Competence of Nursing Students in Clinical Practice: The Clinical Preceptors' Perspective. *Healthcare.* 2024;12(10):1031-55. DOI: <https://doi.org/10.3390/healthcare12101031>
23. Vanderspank-Wright B, Lalonde M, Squires J, Graham ID, Efstathiou N, Devey Burry R et al. Identifying, describing, and assessing interventions that support new graduate nurse transition into critical care nursing practice: A systematic review protocol. *Syst Rev.* 2020;9(1). DOI: <https://doi.org/10.1186/s13643-020-01483-7>
24. Okoye C, Obialo-Ibeawuchi CM, Obajeun OA, Sarwar S, Tawfik C, Waleed MS, Wasim AU et al. Early Diagnosis of Autism Spectrum Disorder: A Review and Analysis of the Risks and Benefits. *Cureus.* 2023;15(8):1-9. DOI: <https://doi.org/10.7759/cureus.43226>
25. Bekhet A, Zauszniewski J, Matel-Anderson D, Suresky J, Stonehouse M. Evidence for Psychiatric and Mental Health Nursing Interventions: An Update (2011 through 2015). *OJIN.* 2018;23(2):199-211. DOI: <https://doi.org/10.3912/OJIN.Vol23No-02Mano4>
26. American Psychiatric Association (APA). The Desk Reference to the Diagnostic Criteria From DSM-5-TR. Porto Alegre: Artmed; 2022.
27. Skaletski EC, Bradley L, Taylor D, Travers BG, Bishop L. Quality-of-Life Discrepancies Among Autistic Adolescents and Adults: A Rapid Review. *Am J Occup Ther.* 2021;75(3):1-22. DOI: <https://doi.org/10.5014/ajot.2021.046391>
28. Iannuzzi D, Rissmiller P, Duty SM, Feeney S, Sullivan M, Curtin C. Addressing a Gap in Healthcare Access for Transition-Age Youth with Autism: A Pilot Educational Intervention for Family Nurse Practitioner Students. *J Autism Dev Disord.* 2019;49(4):1493-504. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10803-018-3846-9>
29. Owen AM, Gary A, Schnetter V. Nursing care of patients with autism spectrum disorder. *Nurs Made Incred Easy.* 2020;18(2):28-36. DOI: <https://doi.org/10.1097/01.NME.0000653180.86134.05>
30. Kwame A, Petrucka PM. A literature-based study of patient-centered care and communication in nurse-patient interactions: barriers, facilitators, and the way forward. *BMC Nurs.* 2021;20(1). DOI: <https://doi.org/10.1186/s12912-021-00684-2>

31. Babaii A, Mohammadi E, Sadooghiasl A. The Meaning of the Empathetic Nurse–Patient Communication: A Qualitative Study. *J Patient Exp*. 2021;8. DOI: <https://doi.org/10.1177/23743735211056432>
32. Costa BD, Oliveira FP, Cordeiro GF, Brugger ÉB, Silva AD, Peters AA. Transtorno do espectro autista na Atenção Primária à Saúde: desafios para assistência multidisciplinar. *SMAD Rev Eletronica Saude Ment Alcool Drog*. 2023;19(1):13-21. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2023.180473>
33. Pitz IS, Gallina F, Schultz LF. Indicadores para triagem do transtorno do espectro autista e sua aplicabilidade na consulta de puericultura: conhecimento das enfermeiras. *Rev APS*. 2021;24(2):282-95. DOI: <https://doi.org/10.34019/1809-8363.2021.v24.32438>
34. Steyer S, Lamoglia A, Bosa CA. A importância da avaliação de programas de treinamento para a identificação de sinais precoces do transtorno do espectro autista – TEA. *Tendências Psicológica*. 2018;26(3):1395-410. DOI: <https://doi.org/10.9788/TP2018.3-10Pt>